

OBSERVAÇÃO FILOSÓFICA SOBRE A LINGUAGEM

Renner Olegário Lopes¹

RESUMO

A maior imponente das inúmeras qualidades humanas sobre todos os demais seres é a comunicação; aquela que participa de modo singular de todas as sensações, conhecimentos e demais expressões do homem para com outro ser. Destarte, a citação seguinte demonstra a linguagem como a fundamentação estruturada da comunicação humana. “A comunicação é um “sinônimo de “coexistência” ou de “vida com os outros” e indica o conjunto dos modos específicos que a coexistência humana pode assumir, contanto que se trate de modos “humanos”, isto é, nos quais reste certa possibilidade de participação e de compreensão.” (ABBAGNANO, 2000, p.161) O papel da Filosofia na Linguagem é o de questionar a utilidade e significação da linguagem como algo próprio do ser humano. Signos, símbolos, sinais, sua origem, análises, uso de forma filosófica e sistemática, diante de todo seu desdobramento na história da humanidade. A linguagem seria, então, o fenômeno de comunicação necessário para o ser humano, como forma de compreensão e conversão de significados. A amplitude da comunicação se estende a todos os seres, porém, a linguagem seria a estruturação nítida e própria do ser humano², debatida também pela Filosofia.

PALAVRAS CHAVES: Linguagem. Homem. Filosofia.

¹ LOPES, Renner Olegário Lopes. Licenciado em Filosofia. renner.pneu@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/0706003701888103>

² Seguindo o pensamento de Walter Benjamin (1892-1940), percebe-se que todas as coisas comunicam, os animais, a natureza, porém, somente o homem tem a capacidade de comunicar por meio da linguagem, de modo racional, livre, organizado e direcionado a expressão de sua essência espiritual. As coisas não se “afirmam” por meio da comunicação, já o homem, pela linguagem consciente, “afirma-se” e contempla a sua existência.

ABSTRACT

The greatest splendor among the human qualities above all other beings is communication; which one that participates in a unique way in all the sensations, knowledge and other expressions of man towards another being. Thus, the following quote demonstrates the language as the structured basis of human communication. "Communication is a "synonym for" coexistence "or" life with others "and indicates the set of specific modes that human coexistence can assume, as long as they are "human modes ", that is, in whom remain some possibility of participation and understanding." (ABBAGNANO, 2000, p. 161) The role of Philosophy in Language is to question the utility and meaning of language as intrinsic to the human being. Signs, symbols, signs, its origin, analyses, use of philosophical and systematic manner in front of all its deployment in human history. The language would be, then, the phenomenon of communication necessary for the human being, as a mean of understanding and conversion. The amplitude of communication extends to all beings; however, the language would be the clear structuring proper to humanbeings, also discussed also by Philosophy.

KEYWORDS: Language. Human. Philosophy.

1 ESTRUTURA DA COMUNICAÇÃO HUMANA

Identificar o ser humano como um ser capacitado de modo integral para a comunicação, sendo nítido diante a realidade. Porém, devemos encontrar nesta estrutura, a linguagem³, a característica única e peculiar que permite a comunicação própria do ser humano. Este uso da linguagem, característica própria da comunicação humana, é dividido por Nicola Abbagnano (1901-1990) nos seguintes termos. “Primeiro a possibilidade de escolha dos signos; segundo a possibilidade de combinação de tais signos de maneiras limitadas e repetíveis. Este segundo aspecto diz respeito às estruturas sintáticas da linguagem, enquanto o primeiro se refere ao dicionário da linguagem.” (2000, p.615)

A estrutura da linguagem é necessária para que ocorra uma similaridade entre as expressões que diferentes indivíduos utilizam que permite que haja comunicação entre estes indivíduos.

1.1 Origem da linguagem como problema filosófico

Desde o início da filosofia, temos a linguagem como algo que permeia todo o âmbito existencial. Através dela revela-se a realidade; ela é uma descoberta, uma expressão daquilo que está “escondido”, com a linguagem é sonorizado e apresentado àquilo que é produzido por um *homo sapiens*, que por essência também é *homo loquens*.

Platão (428 – 348 a.C.), em sua obra *Crátilo*, reconhece que as coisas têm nomes por natureza; e “é artífice dos nomes (...), mas somente aquele que olha para o nome que por natureza é próprio de cada coisa” (PLATÃO, *Crátilo*, apud BUZZI, 1984, p.210). A linguagem, para Platão, seria a classificação das coisas por nomes,

³ Quando nos referimos à linguagem ao longo do trabalho temos em mente a linguagem simbólica própria do homem, a atividade humana que usa de elementos figurativos, símbolos, entre outros, para comparação das coisas e suas expressões.

ganhando forma na elaboração e relação entre o homem e as coisas. Também Aristóteles (384-322 a.C.) identifica este princípio de dar nomes como o pressuposto fundamental da linguagem; nada pode ser predicado de uma coisa salvo seu próprio nome, e é por meio da nomeação que podemos identificar o uso, a função da linguagem. Ora, nós só podemos nos referir a algo se o referido em questão possuir um nome, que, por fim, remeter-se à manifestação do ser linguístico.

Além de estar presente na filosofia antiga, o estudo da linguagem também acompanha toda história da filosofia medieval e moderna, contudo, na contemporânea, torna-se foco e objeto específico de estudo com a virada linguística (*linguistic turn*) ocorrida no século XX, que deu caráter primordial à linguagem e à lógica na Filosofia.

Notamos que a primeira divergência e motivação para o estudo sobre a linguagem encontram-se na antiguidade, porém, o problema da “origem” da linguagem foi mais discutido nos séculos XVII e XIX, nos quais muitos filósofos e linguistas dedicaram-se a esta questão. Houve avanços significativos na pesquisa sobre a linguagem a partir de diversas indagações como: “A linguagem foi usada pelos primatas?”, “Com o uso da linguagem os primatas transformaram-se em homens?”, “Como é criada primitivamente a linguagem?”, “A linguagem é natural aos homens ou é apenas uma convenção social?”.

Thomas Hobbes (1588-1679) foi um daqueles que buscou lidar com tais perguntas, juntamente com Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Ludwig Wittgenstein (1889-1951) que conduziram à conclusão de que a linguagem seria uma capacidade de expressão, natural, dos seres humanos. O homem nasceria com toda a aparelhagem física e fonética para a pronúncia e expressão das palavras. Já as línguas seriam convencionadas segundo condições históricas, geográficas, econômicas, políticas e culturais, tornando-se, por consequência, um sistema ordenado dotado de leis e princípios próprios, independente do sujeito falante, mas condizente, também, com certo desenvolvimento natural da linguagem.

Entendemos aqui que linguagem, língua e fala, sendo as últimas duas voltadas para a linguística, estão inseridas na problemática da Filosofia da Linguagem, com ênfase na significação de termos e sentenças.

Linguagem é um termo genérico, designando a expressão duma ideia, dum propósito, dum afeto (mensagem) para alguém, um

destinatário (um receptor). A língua é mais específica: língua portuguesa, espanhola, inglesa, latina etc. A fala é um acontecimento concreto de usar uma língua, um ato particular de comunicação. (RABUSKE, 1981, p. 111)

Nicola Abbagnano reconheceu quatro soluções fundamentais para o problema central da linguagem como relação sujeito-realidade e entre sujeitos: 1) A linguagem por convenção, 2) a linguagem por natureza, 3) a linguagem como escolha e, por fim, 4) a linguagem como acaso. Estas “soluções” seriam encontradas em toda filosofia, com sistemas lógicos, pragmáticos e linguísticos, cada um com seus representantes e seus desdobramentos.

Estes aspectos, que tornam a linguagem como forma natural e convencional, são dados pela necessidade de expressão humana encontrados na realidade por este homem linguístico, como dito por Aristóteles, considerando em “cada palavra uma musa discreta que nos convida a participar da realidade presente” (BUZZI, 1984, p. 209). Neste sentido, tomando a realidade factual, a linguagem pode nos levar a quatro outras respostas semelhantes às de Abbagnano, mostradas no pensamento de Rousseau. De acordo com ele, a linguagem nasceria primeiro de onomatopeias ou imitações dos sons de animais e da natureza; em seguida da imitação de gestos, e logo após de palavras, que ao final são substituídas pelos sons linguísticos; depois pela necessidade de fome, risco de morte e situações nas quais é indispensável uma linguagem construída em certos grupos, que possibilita a comunicação entre seus membros, formando um vocabulário mais complexo e autônomo, conduzindo a uma língua comum; por fim, a linguagem nasceria das emoções, gritos e risos, estes envolvidos por medo, surpresa, prazer, felicidade, entre outros estados humanos. Como afirma Rousseau, em seu livro “Ensaio sobre a origem das línguas”:

Deve ter sido assim. Não começou por raciocinar mas por sentir. [...] Das necessidades morais, das paixões. Todas as paixões aproximam os homens, forçados a se separarem pela necessidade de procurar os meios de vida. Não foi a fome nem a sede mas o amor e o ódio, a piedade, a cólera que lhes arrancaram as primeiras vozes. Os frutos não fogem de nossas mãos, deles é possível alimentar-se sem falar; persegue-se em silêncio a presa que se quer comer: porém, para comover um jovem coração, para repelir um agressor injusto, a natureza dita acentos, gritos, lamentos. Eis as mais antigas palavras inventadas e eis por que as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas. (2008, p.103-104)

Estas sugestões não podem ser consideradas verdades absolutas da origem da linguagem, mas é bastante provável que ela tenha nascido sim, dos diferentes modos de expressões humanas, pelas paixões e onomatopeias. As crianças, por exemplo, valem-se destes tipos de manifestações, sons, expressões, gestos, para exprimir sentimentos como medo, fome, alegria, dor, para que possam conseguir algo ou para afastar algo.

1.2 Funções da linguagem

É imprescindível a descoberta do dom da linguagem que em seus desdobramentos revela também a realidade na qual o homem manifesta esse dom, encanta sua existência em sintonia com o seu ser. Não há função maior na linguagem que o homem expressar sua própria existência, formada por emoções, instintos, imaginações, alegrias, medos, esperanças, expressar, enfim, sua humanidade.

Na obra “Introdução ao pensar”, Buzzi visualiza a existência desta manifestação, que consiste na linguagem, deste modo:

A realidade inquieta e chama. O homem escuta. A linguagem exprime a inquieta pertença do homem à quietude da realidade. Narra sua história. Exprime seu mundo e consciência. A consciência e o mundo são sempre uma tarefa. Esta se revela toda na linguagem. (1984, p. 207)

A linguagem que se encontra no homem revela uma transcendentalidade, uma sacralidade própria da complexidade do ser que ele é, tanto na estrutura fonética orgânica quanto na linguagem sistemática e analítica, contudo, compreendida e dada a um ser simples e finito, o homem.

Por ser uma estrutura complexa, a linguagem, tende a demonstrar signos através dos quais o homem expressa, indica coisas, valores, sentimentos, justamente nesta relação entre indivíduos. Todo este processo é dotado de normas, regras, leis, princípios próprios, que podem ser conhecidos e usados. Neste sentido os signos, os sinais, são elementos que formam uma totalidade linguística, tornando-se objeto da linguagem.

A indicação, comunicação, expressão e subjetividade são normas constituídas para a linguagem, fundamentam o ato de comunicação que se distingue de acordo com a realidade do indivíduo e com a sociedade, e são estas as funções da comunicação de acordo com a linguística: referencial, emotiva, conativa, fática, metalinguística e poética. Deve-se partir do conhecimento sobre alguns elementos necessários elaborados por Roman Jakobson (1896-1982), linguista russo, que reconheceu no ato de comunicar tais fatores: um emissor, aquele que envia a mensagem; a mensagem ou conteúdo que oferece as informações que serão transmitidas; e o receptor, ou destinatário, a quem a mensagem é endereçada. A esses elementos acrescentam-se, ainda, o canal de comunicação ou meio pelo qual a mensagem é transmitida; o código, que é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos, utilizado para elaborar a mensagem codificada pelo emissor e decodificada pelo receptor; e, por fim, o contexto, o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

A divisão e explicação destas formas podem ser hierarquizadas para o melhor funcionamento e entendimento do receptor. Devemos verificar que o contexto em que a mensagem é direcionada, sua função referencial, sempre carecerá de uma compreensão e da permanência do emissor e do receptor em certa competência cultural, econômica, social e linguística. Nesta função a codificação de tal termo é necessária para o entendimento do receptor e sua comunicação. Um paciente pode dizer: “estou com dor de barriga” com uma linguagem comum, porém, ao comunicar a um médico ele deve ser mais específico e usar termos adequados ao receptor, “estou com dores viscerais”. Tal função se encontra mais presente em textos e falas jornalísticas e científicas.

Outra função é a emotiva, que destaca o remetente, o falante influencia e participa de modo direto daquilo que será falado, seriam modelos de interjeições⁴. Este envolvimento pessoal do emissor, nítido nesta função, sempre utilizará os sentimentos, inquietações, ideias e emoções centradas em expressões particulares, considerando constantemente sua realidade interior. Para tal, são utilizados verbos e pronomes na primeira pessoa. Por meio dessa função o leitor sente no texto a presença do emissor.

⁴ Palavra ou expressão utilizada com a finalidade de expressar uma emoção.

A função conativa, ou apelativa, tem como objetivo o destinatário, e busca influenciar, persuadir, envolver o destinatário de todas as formas. Grande exemplo desta função em nossa realidade são os anúncios publicitários que levam o espectador a realizar determinada ação. Diante de tais necessidades a linguagem perde sua *formosura linguística*, tornando-se algo vulgar e utilitário, pois se apela à simplificação de termos, à falta de conteúdo, entre outras “deformações” na linguagem, diante destas adaptações para o convencimento do receptor.

Já a função fática tem como modelo e utilidade estabelecer uma comunicação, “centrada no próprio canal da comunicação e cujo objetivo é estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante” (HOUAISS, 2009, p. 877). Neste sentido, a função fática se localiza entre a emotiva e a conativa buscando chamar atenção à união destes elementos por meio de ruídos, costumes verbais, protocolos e outros, que são usados durante a fala.

Quando a linguagem se volta para si mesma, transformando-se em autoavaliação e comunicação, esta função chama-se metalinguística, nela a linguagem fala, decodifica a própria linguagem, tornando-se a própria referência.

Por fim, a função poética demonstra e encanta com sua beleza, produzindo no leitor um prazer estético, certa surpresa a todo o momento e “ênfatiza um especial arranjo de seus constituintes semânticos e fônicos. A sua característica principal é poder romper com as normas estruturais e formais, mas não o código linguístico como tal. Na função poética encontra-se o aspecto recursivo e criativo das línguas naturais” (BASTOS, 2007, p.27). Esta função utiliza combinações sonoras e rítmicas, jogos de ideias, para impressionar e inovar a visão do leitor diante da mensagem estabelecida.

Nenhuma destas funções deve ser reconhecida e analisada separadamente ou de forma dispersa, pois elas estão aglomeradas na mesma mensagem. Na leitura ou interpretação do leitor, sempre haverá aquela que se destaca mais e será ressaltada diante das demais. Assim será possível reconhecer a finalidade e o sentido da mensagem.

As funções presentes na comunicação são mencionadas aqui para que depois possamos diferenciar e estabelecer os problemas propriamente filosóficos daqueles linguísticos, pois a linguagem é um modo de comunicar, um comunicar de modo humano, com meios e expressões de um homem que sente e pensa. Os

papéis que a linguagem exerce nas diversas realidades e conjunturas contendo sentimentos humanos e contextos distintos são relevantes para o estudo da linguagem e deles decorrem vários problemas filosóficos.

1.3 Importância da linguagem

O esclarecimento dos pensamentos é uma das questões que definem a importância da filosofia da linguagem. Wittgenstein, em sua primeira fase, determina a Filosofia como à delimitadora e esclarecedora de conceitos, como vemos na passagem abaixo.

A finalidade da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é teoria, mas atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em comentários. A filosofia não resulta em "proposições filosóficas", mas em tornar claras as proposições. A filosofia deve tomar os pensamentos que, por assim dizer, são vagos e obscuros e torná-los claros e bem delimitados. (TLP 4.112)

Wittgenstein toma a grande utilidade da linguagem como abrangência e formação de um conjunto de proposições⁵, que levam à análise de conceitos e nomes; e para ele, quando nos referimos a nomes metafísicos, devemos entender que sobre “o que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 1968, p.129).

Imaginar o mundo sem linguagem é imaginar um ser pensante que procura refugiar-se em algo, mas não encontra onde habitar. É a linguagem que proporciona a identidade do homem ou, como bem disse Heidegger (1889-1976), “A linguagem é a casa do Ser”, o lugar onde a homem habita e dali toma consciência e comunica de modo singular o seu ser. Dito em outras palavras, é através da linguagem que o homem assegura o seu próprio mundo, transformando o caos em cosmos. A linguagem permite que o homem *seja* e desenvolva a sua própria humanidade. Ela não seria somente instrumento do homem, mas seria a expressão do ser enquanto tal. Por esta razão, podemos dizer que a linguagem é a mais importante faculdade intelectual humana, é ela que fundamenta a especificidade do ser homem.

Entendemos que a principal diferença entre certo tipo de ser, o *humano*, e os demais seres é justamente a faculdade intelectual da linguagem, a capacidade de se comunicar de maneira complexa. No momento que o homem reconhece a si mesmo,

⁵ para Wittgenstein, “proposições que tem sentido figuram casos, fatos, estados de coisas possíveis” (SAES, 2013, p. 42).

percebe nitidamente uma característica importante da linguagem: a capacidade de permitir o reconhecimento da realidade e a possibilidade de comunicá-la, de expressar o todo com signos, verbos e nomes.

1.4 Problemática da linguagem

As questões e os debates sobre a linguagem, com a força, originalidade e dimensão da filosofia, são algo que certamente não se pode compreender de imediato. De acordo com nossa realidade linguística, baseados no filósofo alemão Martin Heidegger, percebemos que a linguagem pode ser considerada como uma capacidade unicamente humana, por ser próprio da inteligência, já que somente o homem é dotado de linguagem – como afirmou Aristóteles – o que permite a ele se exprimir. Com a filosofia da linguagem o eixo de abordagem dos problemas filosóficos é alterado. Todo o aparato instrumental lógico e analítico da linguagem recoloca sob uma nova perspectiva, não apenas questões ontológicas fundamentais, mas também questões da teoria da verdade e da teoria do conhecimento. Do mesmo modo a visão pragmática – o uso da linguagem – direcionou a realidade ao encontro filial com a linguagem. A linguagem se torna, então, a *mãe* dos problemas filosóficos.

Houve grandes avanços na linguagem devido a dois ramos: a filosofia analítica e em seguida a filosofia pragmática, ambas formaram um sistema que verificou boa parte dos problemas e perguntas referentes à filosofia e seus desdobramentos na comunicação: a possibilidade de influência e formação de nossa sociedade em seus vários aspectos; a linguagem como algo anterior ao pensamento e à realidade; o valor da linguagem; a fundamentação da linguagem e seus desígnios diante de valores éticos e metafísicos; a linguagem como determinação do ser; a garantia de que a linguagem e o pensamento possam convir à realidade. Os filósofos da contemporaneidade resolveram e explicaram de forma lógica e contextual tais problemas, com suas limitações e dificuldades, mas retomando, afirmando e exaltando o papel da linguagem na compreensão e a interferência na existência humana.

1.5 Campo de estudo da Filosofia da Linguagem

Poderíamos considerar a filosofia da linguagem como um espírito universal – podemos aqui fazer uma simples analogia ao Espírito Absoluto de Hegel (1770-1831), no qual existe um reconhecimento mútuo que o Espírito Absoluto está em toda a história, como causa de ser, aqui a linguagem estaria presente em todos os momentos e filósofos da história – que rege a humanidade, sendo a linguagem uma expressão ativa, significativa, localizada em vários campos de estudo como ontologia, gnosiologia, ética, entre outros ramos da filosofia. Na experiência vivencial humana, a linguagem ganha grande foco devido à formulação, construção de sistemas simbólicos e conceituais que explicam as condições constitutivas do ser humano.

Na filosofia analítica, devemos reconhecer sua função importante para os debates sobre a linguagem, tratando diretamente a análise de sistemas, estruturas universais e lógicas para que possa o homem, compreender melhor a ontologia, a linguagem, enfim, sua realidade. O uso da linguagem ordinária e seu desenvolvimento também são fatores determinantes nesta delimitação do campo. Trata-se de explicar de uma vez por todas quais são as condições de possibilidade da linguagem humana e em que ela caracteriza o fato de ser homem. Estas posturas reconhecem a função e delimitação do campo a uma visão analítica e pragmática da linguagem sobre o pensamento e a realidade.

Muito foi dito sobre uma filosofia ordinária, onde a abstração e qualquer formalização e expressão são precisas para a comunicação. Desde estes filósofos Francis Bacon (1561-1626), Leibniz (1646-1716), Condillac (1714-1780) até Gadamer (1900-2002) reconhecemos certo abuso das palavras e línguas inadequadas. Isso instiga ao estudo mais minucioso destes filósofos e outros, que caracterizam mais tarde a nomeada virada linguística⁶. A filosofia da linguagem ordinária resume, então, seu projeto a duas teses, uma sobre a importância do uso comum da linguagem e sua especificidade, outra sobre o método filosófico.

⁶ Virada linguística: Ocorreu no século XX, seu objetivo maior é estabelecer a relação entre filosofia e linguagem. Ludwig Wittgenstein pode ser considerado um dos maiores idealizadores da virada linguística, devido a suas obras tratarem de modo direto dos dois campos da filosofia da linguagem (analítica e pragmática). Problemas filosóficos surgem de uma falta de compreensão da lógica da linguagem (*Tractatus Logico-Philosophicus*) que ele reconhece nos usos, nos fatos na maneira que a linguagem atua na realidade e deve ser analisado por sistemas lógicos; e suas observações sobre os jogos da linguagem em seu trabalho posterior (*Investigações Filosóficas*), que se referem a uma concepção mais pragmática.

1.6 Concepções sobre a linguagem

Duas correntes da Filosofia da Linguagem têm se preocupado sobremaneira com o problema de saber como é construída a linguagem, suas estruturas e como ela se fundamenta. Sobre as visões da linguagem é importante ressaltar estas duas correntes: a filosofia analítica e a filosofia pragmática.

A Filosofia analítica procura defender a ideia de que a filosofia é análise - a averiguação do significado dos enunciados - e se reduz a uma pesquisa metódica sobre a linguagem. No início, esta forma de análise de termos assumiu um caráter lógico, principalmente com Gottlob Frege (1848-1925) e Bertrand Russell (1859-1938), com o intuito de esclarecer ideias, fatos e fenômenos diversos. Outras correntes e movimentos filosóficos se adequaram a esta forma de análise, como o Positivismo Lógico, que se distingue pela rejeição de toda e qualquer metafísica, o Círculo de Viena, de corte neopositivista, fundado por Moritz Schlick (1882-1936) e também as primeiras produções de Wittgenstein.

Já a Filosofia pragmática, tem a capacidade de ir além da construção da frase; de modo direto, a pragmática estuda o objetivo da comunicação e com isso reconhece que o contexto, a realidade do sujeito, é de suma importância para verificar a correta relação entre termos e realidades. Um dos maiores autores dessa tese é Wittgenstein na segunda fase de produções que procura, em seus *jogos de linguagem*, determinar que o uso da linguagem em contextos determinados, fatos distintos pode influenciar as regras e conceitos nas frases.

CONCLUSÃO

O tema do trabalho remeteu a um dos maiores problemas filosóficos discutidos nos últimos séculos, que se desdobra em toda a história da humanidade: a concordância da linguagem com a realidade e o pensamento. A Filosofia tem como função nomear, clarear, definir conceitos e proposições que constroem a realidade e o pensamento do homem. A linguagem serviria para manifestar esta união, refletida pela Filosofia, entre a vida ordinária e os pensamentos.

Para tratarmos de linguagem, devemos primeiramente reconhecer que, os homens, comunicam, que as coisas comunicam, que os animais, o cosmo, tudo comunica, porém, somente o homem tem capacidade de ensimesmar-se, classificar e refletir sobre aquilo que comunica. A linguagem é dotada de estruturas gramáticas, semânticas, lógicas, práticas, que são objeto de estudo da Filosofia da Linguagem que tem, também, como papel meditar sobre tais problemas e individualizar a reflexão do homem que pensa, vive e comunica. O homem, em sua constituição já se denomina *homo loquens*. Desde Aristóteles, o problema da linguagem humana desencadeia reflexões pertinentes a sua relação com a realidade e à nomeação dos entes que pertencem a esta.

Na estrutura de comunicação – receptor, mensagem e emissor – já se percebe a interação do homem, que comunica, com o mundo que é dito e verificável em expressões. Mas toda reflexão não se resume a uma estrutura gramatical, pois surgem problemas maiores, como a influência da linguagem em outros tratados, a sua relevância e interferência na estrutura existencial das coisas, o acontecimento de uma *holística linguística*, no sentido, de os problemas filosóficos, sociais, culturais, tornarem-se, todos, problemas linguísticos, considerando-se, assim, a Filosofia da Linguagem mãe de todos os problemas da humanidade, entre outros.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4 edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2 ed. rev. Atual. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARISTÓTELES. **Órganon**. Tradução do grego e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.
- BENJAMIM, Walter. **Sobre a linguagem em geral e a linguagem do homem, in: Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas cidades, 2011.
- BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem**. 13 edição, Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1984.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Editora Universitária São Francisco, 2003.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. 3º ed. – Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo, São Paulo: Nova Cultura, 1999.
- ZILHÃO, Antônio. **Linguagem da filosofia da linguagem – estudos sobre Wittgenstein**, Edições Colibri, Lisboa.
- ZILLES, Urbano. **Teoria do Conhecimento e teoria da ciência**. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Filosofia)